


Textos no Varal



Dinair Fernandes Pires



Painel Textos no Varal
76 cm x 63 cm

Técnicas: Patchwork aplique
fuxicos e bordados

Feito ponto a ponto com
criatividade, dedicação e
muito prazer, para a querida
amiga Dinair. MB

Artesã: M^o Candida Barbosa

Julho 2013



Dinair Fernandes Pires

Textos no varal

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaQual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pela autora em: 21/03/2014

Capa de: Maria Candida Barbosa

P667t Pires, Dinair Fernandes

Textos no varal [recurso eletrônico] / Dinair Fernandes
Pires. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-073-8

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Poesia. 2. Contos. 3. Literatura brasileira. I. Título.

CDU: 869.0(81)-1/-3

Sentimentos, lembranças, vivências e reflexões
curtidas, comentadas, compartilhadas,
através desta compilação de
poemas e pequenos textos.

2007 a 2014

GRATIDÃO... às pessoas que ajudaram a construir este VARAL:



Respeito e reverência aos que povoam minhas lembranças.





Versos na Neblina / 9

Andarilha.....	11
“Eu”... Passarinho	12
Dualidade.....	13
Momentos.....	14
ComPAIXÃO	16
Abraço do silêncio	18
Mãos enroladinhas	19
Amigas “brujas”	21
Pedra da gratidão.....	22
Cachimbando	23
Dores.....	24
Tristeza	25
Despedida/última vez	26
Vazio.....	27
Vazio perturbador	28
Nudez	29
Trilogia do rio.....	32
Chuva.....	33
Rotina... Minha-sua-nossa-vossa.....	35
Bambolê	39
Tempo do equilíbrio.....	41

Palavras ao Vento / 43

Resgates	45
Feridas na alma	46
A música como bálsamo	47
A natureza e a cura	48
Despertando na unidade	49
Afinidades.....	50
Caixa surpresa	51
Caixa preta.....	53

Enrodilhar-se.....	54
Paquerando.....	55
Só amor não basta.....	56
Casamento indissolúvel.....	58
Transparência.....	59
Metáforas de um “sisudo”.....	60
Fadas ou bruxas?.....	61
Fotos de papel.....	62
Segredos de família.....	63
Terra, suor e verde.....	64
Acendendo velas.....	65
Opções impostas.....	66

Anotações de Baú / 67

Convite.....	69
Lili Marlene.....	71
Sapato de princesa.....	72
Descalçadeira de botas.....	73
Pandorgas.....	74
Março de 64 (Um outro lado...)	76
Bênção, pai... Bênção, mãe.....	78
Irmã – Anjo.....	79
Lembranças aquareláveis.....	80
Rituais.....	83
Hora do silêncio.....	85
Contemplando a escola.....	87
Transcendência.....	90
Almas de minhas moradas.....	92
Nomes para guardar... Fatos para lembrar... ..	94

Versos na Neblina



Em momentos de tristeza, vazio,
isolamento e frio,
o rumo se vai,
o andar fica incerto,
o coração escurece,
os olhos turvam,
os versos saltam como catarse...

Baixo a neblina de lágrimas
choradas ou engolidas,
compartilhadas ou escondidas,
arquivadas ou assumidas.



Andarilha

Sou uma andarilha
que avança no tempo
entre água e fogo,
luz e sombra,
vento e chuva,
mas sempre em busca do sol.

Sou uma andarilha
que aprende a cada dia
o valor da simplicidade,
a força da humildade,
da gratidão e da paciência.

Sou uma andarilha
que tropeça em pedras,
mas cai em braços amigos,
colos acalentadores,
ombros fortes e reconfortantes.

Sou uma andarilha
que, a cada manhã,
agradece, abençoa e vai...

Agosto de 2010



“Eu”... Passarinho

Se eu não fosse eu
e noutro reino vivesse
gostaria de ser um passarinho.

Com plumagem leve
voar sem limites
tendo o céu por moldura,
o chão como apoio
e o ninho...
Ah! O ninho para repouso.

Construir casas
em árvores frondosas
resistentes ao vento,
de folhas perenes, fechadas,
resguardada da chuva
ou da insolação.

Acasalar
e acolher muitos ovos.
Povoar de cantos, gorjeios ou pios
matos, pátios, casas e jardins.

Dar vida
a um bando forte,
sincronizado,
solidário,
desbravador
e... terno!

Setembro de 2009



Dualidade

Inspirado no poema "Traduzir-se",
de Ferreira Gullar

Meu TODO tem duas partes...

Uma delas povoada,
cheia de gente,
repleta de sons,
perfumes,
poeiras,
estradas.

Caminhadas sem fim e
curtas jornadas.

Outra parte é solitude,
que engraçado...

A solitude é mais doméstica,
aconchegante,
repousante,
recatada,
em um confortável canto:
fechada.

Preciso tomar cuidado:
uma pode tornar-se estressante,
a outra, entediante.

Setembro de 2007



Momentos

A vida é feita de momentos...

sombrios,
coloridos,
em preto e branco.
Saborosos,
amargos,
insossos.
Agitados,
tumultuados,
serenos.

Momentos que se sucedem...

conscientes ou inconscientes,
fazem a nossa história e
interferem na história dos
outros.

Em cada momento, o sinal constante

de um sopro divino
de um plano maior,
na sutileza de alguém
sob forma de olhar,
de toque,
de gesto,
de palavra,
de ação.



Em cada presença, a IMORTALIDADE
em nossas vidas
e o retorno certo
sob forma de alento,
de aconchego,
de aprendizagem,
de carinho,
para horas de frio,
de solidão,
de indecisão,
de fragilidade.

Momentos de amor serão:
cobertor para o frio
rede para o embalo
âncora para o descanso
braço para o aconchego

Serão mel para o fel
flor para o dissabor
moradia para o sonho
pousada para a gratidão

Serão estímulo no desânimo
fé na descrença
luz na escuridão
companhia na solidão

Serão, sobretudo, brisa que me conduzirá com confiança e leveza...
terra que fortalecerá meus passos e abrirá caminhos...
água corrente que levará enganos e desacertos...
fogo que reacenderá e aquecerá outra vez a caminhada.

Novembro de 2009



Com PAIXÃO

Troca de olhares,
expressão de luz.
Algumas palavras ,
entre sussurros, afagos.
Mãos entrelaçadas,
tímidos abraços.
Beijos encabulados,
toques mais ousados.
Passos apressados
pra ver o amado.
Coração batendo forte
descompassado.
Respiração ofegante,
corpo escaldante.
É brasa, é fogo,
jogo dos amantes.

com PAIXÃO fomos um,
perdemos a razão,
mandou só o coração.
Rolamos no colchão,
acabamos no chão!

O amor tomou forma,
ganhou espaço,
deitou raízes,
instalou-se na alma.



Hoje tem gosto de COMPAIXÃO
feita com zelo,
com cuidado,
com desapego,
acarinhado.

Repleta de doação,
de generosidade,
de companheirismo,
de atenção.

Nosso amor necessitava disso,
pra ser completo,
pra fechar o círculo
da construção.

Embora pela dor,
a fé e a esperança
continuam acesas,
abençoando a nossa união.

Setembro de 2010



Abrço do silêncio

O corpo suado,
a alma lavada.
Respiração ofegante,
coração aos pulos.
Volta a essência,
mente calma.

Nada a dizer...

O pranto convulso,
a dor penetrante.
Raiva, revolta,
grito preso.
Convulsão de ânsias,
perturbação, cansaço.

Nada a dizer...

A tristeza é infinda,
buraco negro.
Solidão, vazio,
lamento.
Desesperança, fragilidade,
desânimo.

Nada a dizer...

O abraço é o amparo,
é o sorriso,
é a força.
O abraço é o conforto,
é o calor,
é o amor.
O abraço é a esperança,
é a confiança,
é a fé!

Junho de 2012



Mãos enroladinhas

Para Rafaela

A voz é doce,
segura e macia.
Por si só,
uma poesia.

A pergunta é leal,
nascida no toque.
É forte e certa,
como tiro de “bodoque”.

- Vovó, por que suas mãos são “enroladinhas”?

Se enrolaram na vida
acariciando ferida.
Se enrolaram no amor
salpicadas de dor.
Se enrolaram no trabalho
hidratadas com orvalho.
Se enrolaram no cabelo
que perdeu a cor.
Se enrolaram nas contas do terço
a rezar com fervor.
Se enrolaram nos gestos,
jeitos, trejeitos,
tentando explicar
o que está preso no peito.
Se enrolaram na escrita
pensada, dita e não dita.
Se enrolaram no papel,
na panela e no cordel.



Se enrolaram no carro,
no controle e no chocalho.
Se enrolaram nos livros,
no giz, caneta e arquivos.
Se enrolaram na carícia,
na leveza e na malícia.
Se enrolaram no pulso cerrado,
na força , na luta
pra conquistar o sonhado.
Se enrolaram segurando o tempo
que escorre nos dedos
e o cair do dia
que acorda os medos!

Fevereiro de 2012



Amigas "brujas"

Pares de mãos
surgem no ar e
num pirilimpimpim
espalham pó cintilante
que fazem a alquimia.

Alquimia do toque,
que acolhe, afaga,
une, resgata.

Alquimia da arte,
que cria, transforma,
constrói, embeleza.

Alquimia do som,
que envolve, acalma,
embala, relaxa.

Alquimia do sabor,
que nutre, aproxima,
brinda, encanta.
Alquimia do saber,
que amplia, enriquece,
floresce, rejuvenesce.

Alquimia do abraço,
que restaura, energiza,
reforça, aconchega.

Alquimia das palavras
faladas, ouvidas,
compartilhadas, compreendidas.

Alquimia do amor,
que é desperto, dançado,
vivido, eternizado!

Julho de 2012



Pedra da gratidão

Rolando em um chão
no meu rincão
Alguém te avistou
te recolheu.
Uma mão se estendeu
pelo comando do coração
e da emoção.

Por que esta, não outra?
Por que pra mim, não pra você?
Por que foste escolhida,
tão rude e sem brilho?

Teu destino poderia ter sido
uma sarjeta qualquer
cheia de chutes e enxurradas...
Teu destino poderia ter sido
uma bela esmagada
pelo peso insuportável
de uma grande máquina.

Mas alguém te avistou,
te recolheu
pelo comando do coração
e da emoção.

Aqui estás
decorando minha escrivaninha,
A mais bela
entre tantos objetos
pela tua essência
pela tua mensagem
pela tua viagem.

Ficarás comigo a lembrar-me sempre:
raízes, gestos e história
nunca se vão,
e assim há de ser
a gratidão!

Setembro de 2007



Cachimbando

“O uso do cachimbo deixa a boca torta”.
Sabedoria popular

O cachimbo...

Ah! O cachimbo...

Começa por prazer,
tragada a tragada,
ajeita daqui,
ajeita dali,
assim é mais cômodo,
dá mais prazer.

Doutro jeito incomoda,
parece deslocado.

Mas continuo...

Forma vinco, cacoete,
a mão automatiza,
o cheiro fica gostoso...
Faz horários, rotinas,
faz falta, alucina!

Cachimbandando...

Cachimbandando, a vida fica mais leve,
embora com marcas
não tanto saudáveis.

Sem sua presença, como seria?

O medo da doença
a contraponto
da ausência.

A sedução do aconchego,
contrapontando
o apego.

O tempo... a história... o cansaço...
busca no cachimbo
o abraço.

Setembro de 2008



Dores

Dores não se comparam...

Se encobre

se engole

se enrola

se chora

se atura

se cura...

Nunca se transfere.

Janeiro de 2013



Tristeza

Tristeza ocupa espaço, pesa,
desfaz o cheiro, o sabor e a cor.

Tristeza tem forma, tamanho,
congela o tempo, o som e o compasso.

Tristeza tem força, poder,
destrói,
corrói,
dói.

Julho de 2011



Despedida / última vez

Um tchau...

flores, abraços,
celebração, recomendação...

A dois, em grupo, em família,
com colegas, vizinhança,
adultos, crianças.

É despedida:

por horas, dias, meses, anos, sempre.

Despedida é racional,
pensada,
planejada,
consciente.

Às vezes não desejada,
mas pontual.

Última vez é surpresa,
nunca se sabe,
é arapuca,
falta de chão,
golpe no escuro,
tornado, vendaval.

Última vez é atemporal.
O espaço apaga,
a emoção comanda,
a cabeça roda,
o corpo treme,
a alma se entrega.

Última vez é sumiço,
fogo que apaga,
fumaça que vai,
nuvem que flutua solta no ar,
luz que se some pra nunca mais!

Junho de 2012



Vazio



Não há revolta
nem queixumes.

Não há desespero
nem lamentos.

Não há maldição
nem prantos.

Apenas
o silêncio,
a inapetência,
a inércia,
a escuridão.

Agosto de 2011



Vazio perturbador

Não é solidão,
é busca.

Não é frustração,
é reforço.

Não é acomodação,
é caminho.

Não é ausência de metas,
é renovação.

Não é abandono de luta,
é energização.

Não é acatar o injusto,
é reivindicação.

Não é concordar com todos os textos,
é apresentar outros contextos.

Não é calar, nem se acomodar,
é debater para inovar.

Não é fugir e simplificar,
é marcar presença e se importar.

Vazio perturbador
é o que nos faz sempre andar.

É nunca estacionar.

Julho de 2007



Nudez

Os pés com meias e calçados
traje alinhado, tudo combinado.
Pulseiras, relógio, brincos
escolhidos com cuidado.

Eu na rua... nua!

O galo da cabeça será que cantaria?
Qual ritmo, qual melodia?
Acho que o toque de tambor de guerra, que ouvi contar,
mas nunca pensei que marcharia.
A marcha no meu coração
acelerado, descontrolado.
O ritmo na minha cabeça
zumbindo atordoado.

Num zás, um cano de revólver no meu corpo.
O grito de despejo,
o medo,
o impulso de revidar,
a necessidade de calar,
a vontade de gritar,
o nó na garganta,
o choro contido,
a incompreensão.

Só sei resolver impasses pelo diálogo, especialmente com estranhos.

E... que estranhos?!

Uma súplica:

- Deixa a bolsa, a pasta da escola, as provas dos alunos...
- Vaza, que te apago!
- Estou de cinto!
- Dá o fora.



Assim minha nudez se completou na rua.
Estava sem lenço, sem documento,
assustada e trêmula
como um passarinho implume caído de uma árvore em pleno
temporal.

O carro? Não liguei.
Era meu, todo pago.
Pouco sei andar sem ele.
Perdeu-se na noite
e eu nem me importei.

Mas... o que restou comigo
que prova que eu sou eu?
Minha fala, que diz, mas não comprova?
Que se embarga
pela invasão dos outros
e parece não ser leal?

Explicações para a polícia,
tão rotineiras que nem suscitam
olho no olho,
franzir de sobrolho
ou surpresa qualquer?

Algumas coisas grandes/pequenas
fazem todo o vazio:
catálogo de endereços no celular com nomes tão especiais,
recadinhos e lembretes
pra quem podem interessar?

As fotos recém-tiradas,
documentários de fatos,
com carinho enquadradas
em poses originais?



As palestras preparadas,
resumos, aulas gravadas
em pendrives pequeninos
com valor só de saber
pra quem poderão servir?

O poema da minha neta
tão lindo, recém-ganhado,
como cartinha deixado
de surpresa para mim?
Documentos, cartões, cheques,
carteiras com fotos amadas.

Uma vida devassada
por mãos que eu jamais vi
sem respeito ao que vivi
na força, no grito, no soco
é estupro... é tortura...
que leva sem tirar a roupa
à nudez, à impotência
fragilidade e violência.

Produz cansaço
necessidade de abraço,
medo de dormir sozinha
súplica por vigilância
por colinho e aconchego.

A criança acorda de novo,
e a música reprisa:

“Quem é que nunca teve medo ...
mesmo que seja segredo...?”

Outubro de 2008



Trilogia do rio

Inspirado no texto "Navegue",
de Fernando Pessoa

Navegar...
seguir,
voltar
ou encalhar?
A decisão é pessoal.

Mergulhar...
com arrojo
ou fluidez?
O resultado pode ser:
prazer, loucura
ou insensatez.

Voltar ao leito...
correr mansamente,
distanciar,
viajar
ou devanear?

Um barulho forte
me desperta:
retorno,
acordo,
bate a porta.

Agosto de 2007



Chuva

Chuva forte
chuva fina
chuva miúda

Chuva com vento
chuva de pedra
temporal!

Ventania... correria...
Leve neblina... nostalgia...

Ramo bento queimando
mamãe rezando
menina pequena
os espelhos tapando

Lá fora, água lavando sarjeta
menina maior brincando como borboleta:
molhada, saltitante
cabelos pingando
roupa grudada no corpo
olhos grandes penetrantes
embaçados e brilhantes.

Chuva que lava
chuva que leva
chuva que embala
chuva que afaga
chuva que acolhe
e que é carícia
pra corpo cansado
pra alma sofrida.



Chuva que é vida
chuva que nutre
chuva que mata
chuva que salva
chuva que rompe
o grão da semente
secando o suor
de tanta gente.

Ah! Chuva bendita
chuva bem-vinda
chuva rezada
chuva esperada
chuva presente
volte novamente!

Novembro de 2007



Rotina...
Minha-sua-nossa-vossa

Bebê nem nasceu,
os planos estão feitos:
pai, mãe tecem sonhos,
espaços, regras, alimentos,
horários, vestes e brinquedos.

Avós dão palpite,
vizinhos opinam,
jornais e revistas dicas ensinam,
parentes e amigos recados enviam.

Nasce o esperado.
Grita, esperneia,
come, não come,
franze-se todo,
sorri, chora muito,
frente ao que é imposto.

Nasce o inesperado.
Rola, desenrola,
puxa e afrouxa, vai e vem,
botando em xeque a rotina
escolhida e prescrita
por outros ou alguém.



Primeira etapa da vida:
luta pra ser o que é
cumprindo da manhã à noite
regras, comandos,
ordens que não entende
e a maior parte, que não quer.
Silencioso ou revoltado

na adolescência difícil,
para agradar aos amigos,
colegas, pais, professores,
segue no dia a dia
como autômato, um guia.

Com o companheiro ou a companheira,
sonhos, morada, orçamento,
vem de novo a confusão
do que é meu, seu, nosso, vosso,
dos dois, nascido da união.

Os anos vão se passando,
às vezes, filhos chegando,
já nem se sabe o que faz.
Confusão vai se instalando
permeando as diferenças
e a identidade se vai...

Avança o tempo:
netos alegram, agitam,
doces, amados,
também gritam.
Querendo ser eles mesmos,
na roda da vida, se agitam.

Onde ficamos? Como giramos?
Quem sou eu? Quem é você?
Quem somos nós? Quem são eles?



A velhice se instalando,
filhos voando, ninho vazio,
ganhos, perdas, desafios...
A doença bate à porta
companheiro se despede
nova rotina sucede.

Rotina que brota do vazio:
Do não saber quem se é
de que se gosta e não gosta,
pra onde ir, onde ficar,
o que é certo, o que é errado,
qual o lado e o lugar...

Como de um sono profundo
vai se descobrindo no mundo...
O pranto do despertar
do nascer, do acordar
agora tem outro rumo,
outro som,
outro queixume.

Traz consigo uma bagagem
difícil de se descartar.
Não se sabe o que é costume
e o que se faz por gostar,
o que é do filho, dos pais,
do marido ou de alguém mais.

Essa nova descoberta
é lenta, é dolorosa.
Exige muita paciência,
é difícil, é trabalhosa...



Consigo mesma o encontro
traz surpresas e confronto.
Como o traçar de mandala
num ritmo compassado
vai ficando desenhado.
Com cores e acinzentado,
forma-se um rico bordado
que nunca fica acabado.

A cada dia que nasce
a tarefa é descobrir
o recado da existência,
que deseja se expandir,
do SER que está escondido
e que quer evoluir.

Com objetivo bem claro
e empenho decidido,
um espaço para o divino,
o coração no comando,
nova rotina se instala,
a cada dia mudando.

Agosto de 2012



Bambolê

Tudo na vida é circular:
a linha que se abre,
a pedra que é jogada,
o eco do riso,
o sal da lágrima,
o cisco do olho,
o curso da alma...

A terra que gira,
o vento que sopra,
a criança que nasce,
o dia e a noite,
o verão e o inverno,
a semente e a vertente,
o afago e o açoite...

O sonho traçado,
o bem alcançado,
o mal desejado,
a palavra falada,
a mentira calada...
Tudo que se abre
um dia será fechado...



A roda cantada,
o jogo de “pega”,
a corda que pula,
a trilha, a dama,
o bambolê, a sapata,
o baralho e a “cabana”
canções e contos que embalam...

De mão em mão, o chimarrão,
o “causo” contado,
o gado laçado,
o espeto girado,
a caipira partilhada,
o pelego ajustado,
fogo de chão, canto trovado...

Fazer amor é circular,
o embrião, o feto, a gestação:
nascer, crescer, adolecer,
amadurecer, envelhecer, morrer,
aprender, aceitar, agradecer,
amar, perdoar, abençoar,
tudo isso é circular!

Janeiro de 2013



Tempo do equilíbrio

Uma fase que se custa adentrar.
Com a intenção na frente
começa o experimentar.
É um estágio abençoado,
no coração situado,
com muitas milhas pra andar.
A mente um pouco escondida
dá lugar para o sentir.
A pressa, o afobamento
cedem espaço ao curtir.

Vivendo em cada momento,
o que se tem pra viver,
por inteiro e intensamente,
calmamente vivenciar:
alegria, sofrimento,
risos, lágrimas, silêncio,
conversa franca ou lamento,
no “aqui” e “agora” estar.



Saborear o que se come.
Cheirar a flor com leveza.
Dançar no cantar do vento.
Banhar-se na chuva fina.
Sentir a relva nos pés.
Olhar no olho o amigo,
segurar as suas mãos
e tornar-se “toda ouvidos”.
É uma tarefa pra “velho”,
gostaria de indagar...
Quanto se perde na vida
de tanto se preocupar...
Horas de sono perdidas,
doenças instaladas, infindas,
sem razão para ficar...
O tempo do equilíbrio
está no estilo de vida,
muito se liga ao sentir,
seja qual for a idade:
vale a pena perseguir!

Janeiro de 2014



Palavras ao Vento



Registros que se soltam pelo ar
feitos em tempos diversos
e vivências únicas
com metáforas de destino incerto,
para olhares atentos,
mãos estendidas,
corações abertos...
Gosto pela (RE)flexão...



Resgates

Toda história de vida é um romance inacabado. Inacabado no sentido mais abrangente, pois, se fossemos relatá-la por capítulos, encontraríamos os já fechados e os ainda aguardando o desenlace final. Há pessoas que passam pela vida sem interpretar, compreender ou relacionar fatos, sentimentos e decisões. Curioso é que existem momentos, etapas ou circunstâncias que nos levam a encontrar o sentido de cada episódio. Essa possibilidade ou capacidade talvez seja um dos ganhos da idade madura e da velhice. Também há que se admitir que muito se fechará somente aí e não duvidar que possa, ainda, ir além. Grande parte do encaixe certamente se ligará ao investimento feito com relação ao crescimento espiritual e ao exercício da reflexão.

Seguidamente, surpreendo-me procurando peças no quebra-cabeça das experiências vividas para encaixar as surpresas que aparecem no cotidiano, e outras vezes, inesperadamente, cai o coringa que faltava para desvendar todo um mistério. Assusto-me ao perceber que, cada vez mais, essa prática me persegue e acorda aprendizagens que, em tempos idos, pareciam tão teóricas e livrescas. Como que num estalar de dedos a purpurina ganha forma, se explica o que parecia inexplicável e se consuma o que se apresentava como insolúvel. Daí decorrem vivências e apropriações tão argumentadas, como a compaixão, a amizade verdadeira, a solidariedade, a caridade, o cuidado, a paciência e o amor incondicional.

Certos episódios que pareceram insignificantes ou superficiais retornam em outro contexto e vêm complementar, fortalecer, acabar o rascunho do desenho iniciado. Ocupam o seu lugar, fecham o círculo, escrevem a mensagem mais profunda, às vezes pela energia que continua a circular. É como se fosse uma psicografia.

Agosto de 2012



Feridas na alma

Impossível viver sem feridas. Um desajeito, um movimento brusco, um obstáculo não percebido, um choque repentino, uma queda, um atrito, uma picada, um raspão... E lá está o início de uma ferida. Às vezes se percebe desde o início, pois desconforto e mal-estar a acompanham; outras vezes há quase uma negação, e o foco passa a ser outro, até que a dor se instala.

Podemos centrar nossa atenção e cuidado inteiramente nelas, num estágio protegendo-as, para que nada nem ninguém se aproxime, mesmo que a intenção seja curá-las; noutra, negando a sua existência e até escondendo-as em invólucros das mais diversas formas.

Como as feridas do corpo, de modo invisível e muito mais profundo, acumulam-se as feridas da alma. Vão elas se instalando em pontos diversificados, ou se sobrepondo para assegurar privacidade. Quanto menos se "cutuca", menor o sangramento. A "casca" vai enrijecendo e muitas vezes se tem a ilusão de cura. Melhor não mexer, cobrir para não ver, ou acalmar com qualquer sedativo.

Processo árduo é descobri-las, permitir que a "casca" se quebre, tratar o que se esconde embaixo, enfrentar o sangramento e optar pela cicatrização. Exige muita energia, clareza, decisão pessoal, solidariedade, compaixão e, certamente, uma grande dose de intervenção divina. Disciplina e perseverança também, pois quando a dor se abrandava há o desleixo na vigilância, e, de repente, não mais que de repente, ela ressurgiu e novamente nos imobiliza; a descrença ronda e parece enrodilhar-se na penumbra, sem movimentos. É a solução.

Outubro de 2011



A música como bálsamo

Muito comum vemos tantas pessoas com fones de ouvido escutando música em meio à multidão, envoltas por familiares, viajando, trabalhando, fazendo de conta que estudam, caminhando, etc. Custava a entender como conseguiam ausentar-se de tudo e isolar-se num mundo só seu, sem nada compartilhar. Por vezes, até me irritava essa atitude tão corriqueira entre os jovens.

De volta ao meu “Ipod”, comecei a entender que esse isolamento é uma faca de dois gumes: tanto pode nos afastar da realidade quanto fazer dançar a imaginação e nos conduzir a lembranças eternamente aprazíveis, visto que somos nós quem decidimos o que queremos escutar. Por meio da música, interrompemos o curso da mente incomodativa e abrimos uma janela ao envolvimento espiritual. Realmente, conseguimos voar, dançar, viajar, colorir cenários que racionalmente seriam em preto e branco.

Constatação simples, mas significativa: a música é um bálsamo na cura de feridas. Há que se deixar envolver pelos sons mais simples, que iniciam pelo compasso do coração, o assovio do vento, o balançar das folhas, a chuva no telhado, o cantar dos pássaros, a água que corre, as ondas que vêm e vão, até a seleção de músicas criadas ou interpretadas por pessoas especiais e resgatadas por portadores de fina sensibilidade. Colocá-los ao nosso alcance, para que possamos acioná-los sempre que a racionalidade, a tristeza e o desânimo se aproximarem e tentarem fazer morada em nosso ser é trazer conosco um curativo essencial.

Há que se ter um currículo oculto que se forma desde a gestação que tivemos: o coração da mãe a compassar nossa formação (tranquilo, amoroso, ansioso...); as canções de ninar que nos embalaram; o assovio do pai que nunca desafinava, a sua voz ao cantar com extrema emoção; a gaita de boca do vovô, que nunca leu uma nota musical, mas reproduzia com perfeição os discos da vitrola; a “gaita de botão” do tio, que complementava os sons feitos com talos de aboboreiras; e as lições de música que tivemos a graça de receber, numa escola tradicional, mas erudita e numa casa sem televisão.

É só resgatar, e cada um encontrará o seu acervo. É companhia que sempre está próxima e disponível; é lenitivo e remédio.

Novembro de 2011



A natureza e a cura

O avanço tecnológico nos rodeia, mas, por mais recursos que sejam oferecidos, nada supera o canto dos pássaros, o balanço do mar, a brisa serena na quietude de um recanto cercado de plantas e flores. A meditação curativa mais eficaz vem desse encontro. No entanto, há que não ter medo de encontrar-se consigo mesmo e entregar-se a uma contemplação e interação sem limites até confundir-se na unidade. Há que sentir a presença serena de uma força maior que nosso pobre corpo. Não deixar que a mente nos perturbe, nos confunda, nos enlouqueça e deixar-se levar como uma folha seca que desce, sem resistências, o curso de um rio.

O canto dos pássaros, a visita do quero-quero, as nuvens dançando no céu azul, o vento suave ou feroz, o sol, a chuva, o frio, o calor, o espreitar da coruja, a visita do beija-flor, as flores no pé de primavera funcionam como “florais” que, gota a gota, vão energizando as células do corpo e do espírito e facilitam a respiração profunda, sem medo que o peito doa de tristeza.

A noite assusta, mas as estrelas brilham e a lua sempre nos convida a uma interação sem reservas. O “banho de lua” refaz a energia que possa ter sido consumida no dia atarefado e dolorido. Os olhos voltados para o chão e a mente presa em conflitos, muitas vezes, nos impedem de levantar a cabeça e curtir o que está aí, sem cobranças, uma dádiva divina. Até uma noite de temporal é ferramenta para “sacudir”, “deixar ligado”, “conectar”. Sem temporal jamais a semente se faria grão!

Novembro de 2011



Despertando na unidade

Os rituais formam raízes em nossa vida, e viver sem eles ou modificá-los é desgastante e doloroso. Um gosto de fel se espalha, e a posição de recuo para enfrentar a realidade começa a nos abater. Duas atitudes cabem aí: adiar ou enfrentar. Novamente percebi que os caminhos nós percorremos, mas não traçamos e custamos a assimilar isso. Após uma perda somos forçados a modificar rotina e rituais que nos faziam bem e que se incorporam em nosso cotidiano. É como despir-se e carregar com isso todo um recato, um pudor, uma timidez que por vezes se parecem com impotência.

Fui despertando lentamente, num ritmo nunca experimentado. Não estava só, fui reconhecendo que a mente, por si, não se acorda, não se percebe, não se reconhece. Despertar precisa de uma força maior, de uma conexão e vibração com o que foi projetado para nós, de uma evolução de consciência. Sair do sofrimento e libertar-se da prisão da mente acontece a partir de intenção, empenho e intervenção divina. Quando a intenção é clara, a ação não fica pesada. Há, no entanto, a necessidade de abertura à intervenção divina, mesmo que esta às vezes se valha da dor ou do sofrimento. Nunca o divino é contra nós. A doença, a crise, a perda são muitas vezes um canal para o despertar. A mente é quem menos conhece o divino; o coração e a consciência em evolução o percebem melhor. A meditação é uma viagem no sentir que não se explica; vive-se.

O passo principal da cura é o perdão, e o perdão não é esquecimento, mas é lembrar sem mágoas. Muito mais que perdoar os outros é necessário perdoar a si mesma por tantos condicionamentos mal colocados e que só servem de atrapalho. Heranças que recebemos e precisamos reconhecer sem melindres, mas com honestidade e humildade, rever relacionamentos e reatar laços partidos. Separar a nossa dor das dores causadas por si ou vindas de fora. Acordar a compaixão e sentir as outras pessoas, sem julgamento. Processo pesado, mas com resultado leve e revigorante.

Como a onda do mar que não é impedida em seu movimento natural, cercada pela solidariedade e energia dos companheiros e embalada pelo divino, sentimos que o sofrimento pode ser transformado em alegria, que o poder de abençoar também está dentro de nós, através da centelha divina que trazemos conosco, e isso nos faz "poderosos"... Um poder que não advém de posses materiais, mas de uma espiritualidade canalizada pelo coração, com a presença do divino e que é capaz de acionar o que é necessário para cada um, em cada momento, vivenciando a compaixão e o amor.

Assim os rituais são modificados com leveza e naturalidade, e o dia a dia se refaz com a roupagem, o som e o sabor de outro ciclo.

Novembro de 2011



Afinidades

Sem nenhuma explicação cabível, sentimos um sininho tocando: num trocar de olhares, num sorriso, num gesto, em meias palavras ou em infindáveis bate-papos. O encontro sempre deixa um gosto de “quero mais”.

O olho na vitrine, o artigo na revista, a leitura do livro, a música que toca... Um fato, uma notícia, um desafio... Uma lágrima, uma brincadeira, um riso largo... Um convite, um projeto, uma reflexão... Um prato delicioso, aquele vinho, a barra de chocolate... Dançar, meditar, relaxar... Passear na praia, viajar, caminhar... Sair sem destino, comprar bugigangas, chamarrear... Assistir a um filme, a um programa especial na TV, ir ao teatro ou a uma exposição...

Tudo tem a pessoa certa para compartilhar, parece que até o anjo da guarda da gente, quando se “cruza”, se entrega à cumplicidade.

A mente voa, às vezes o coração para na mesma pessoa, outras, em pessoas diferentes. Não importa onde estejam, nem o último encontro, mas ela está ali conosco, juntinha, inteira e transparente. Podemos correr ao telefone, conversar, marcar encontro, bater à porta, enviar mensagem... Ou fechar na caixa preta da saudade certa afinidade!

Março de 2013



Caixa surpresa

“Nasceu uma espiga de milho no meu cafezal”.

Euclides da Cunha

O útero materno é a mais preciosa caixa de surpresas. Como a vida é um mistério, o ser humano aí gerado, independentemente do tempo que vive, é uma incógnita.

- A cara da mãe.
- A testa do tio.
- Parecido com o pai.
- Puxou pelo avô.

Palavras e expressões soltas com relação aos bebês.

Com o passar do tempo os pareceres vão tomando mais consistência:

- Tem o dom da palavra.
- Traz a música no sangue.
- É um líder nato.
- Leva jeito para lidar com a terra.
- Fada dos doces, mágica na cozinha.
- Um grande negociante.
- Habilidade no trato.
- Criativo e sensível.
- Voz feita para o canto.
- Rude no trato, direto nos atos.
- Manhoso, ardiloso ou teimoso.
- Criador de caso ou com jogo de cintura.
- Falador ou silencioso.



Tudo isso já vem no pacote, está na essência, se esconde no bebê que vira gente grande e por traçado da teia fica velho ou morre cedo. A “sina” ou o “carma” não se liga à fartura nem à formosura. Não tem a ver com o estudo, nem com o *status*. É mais sutil e entrelaçado com as energias e os planos. Traz a marca dos presentes e dos ausentes, dos próximos e remotos, dos que se encontram e dos que se vão, dos que ficam bom tempo juntos ou apenas segundos. Tem a impressão daquilo que deixam e do que levam, dos momentos e dos instantes, das entregas e dos deslizes, dos comprometimentos e das omissões. A surpresa que se forma na caixa é inimaginável, é um salto no escuro, uma explosão de mil cores, alegria, dissabores. É viagem sem retorno, desafio sem receita, caminho sem mapa. Carta enigmática impossível de ser decifrada em apenas uma vida.

Janeiro de 2014



Caixa preta

De repente, a alegria se foi ou se instalou. A tristeza voltou ou voou. Como que num choque elétrico, a ansiedade, o medo, a angústia, a dúvida, o sonho, o desamparo brotam do mais fundo do ser. Fatos passados, conscientes ou inconscientes, conhecidos ou desconhecidos acionam um botãozinho qualquer de nossa caixa preta, que nem sabemos onde se esconde, faz o comando, estabelece um circuito e sentimentos ou comportamentos se modificam. Pode ser um cheiro, um som, uma palavra, uma ilustração, um tom de voz, um gesto, uma referência, uma presença, uma ausência o responsável por despertar o alarme da alma. Isso tanto nos conduz para boas vivências como para aquilo que desejamos esquecer ou bloquear. Acende dúvidas, provoca questionamentos, elabora respostas precipitadas e na maioria das vezes nos surpreende.

Há quem credite essa conexão a vidas passadas. Eu prefiro buscar entender a vida presente, a que está aqui e me pertence. Daí a relevância do investimento na busca de si e no autoconhecimento. Exige um mergulhar com coragem para dentro de nós na busca da história que nos gerou, nos colocou neste mundo e passeia conosco já desde antes da concepção. Inclui um olhar aos antepassados, seus contextos e vivências, pois estes fazem parte de nosso legado e constituem muitos fios da teia que nos compõe. Sem subterfúgios, sem autopiedade, sem colocar resíduos nos cantos ou debaixo dos tapetes, trazer tudo o que pode nos dar clareza e fornecer dados para desvendar o mistério da nossa existência.

Assumir a posição de espectador e pesquisador de nós mesmos talvez seja a tarefa mais significativa, árdua e prazerosa de nossa caminhada com final incerto, porto indefinido e espaço inexistente.

Janeiro de 2014



Enrodilhar-se

Há momentos e até mesmo dias em que o único desejo que se tem é enrodilhar-se, ou seja, colocar a alma em posição fetal. Descansar no próprio colo. Afagar as mágoas. Agasalhar a fragilidade. Aninhar-se na própria história e não questionar. Não lamentar. Não se queixar. Acalentar no canto silencioso e compassado do coração as frustrações, os desencantos e o vazio. Aconchegar-se. Enrolar-se de tal forma em si mesma que tudo ao redor desapareça e, por um instante que seja, a mente suma e a energia ressurgja como que numa explosão de amarras, numa ressurreição.

Março de 2013



Paquerando

Acordei em estado de graça. Aquela moleza doce, entrega lânguida aos lençóis e a intenção de permanecer no sonho, sem abrir os olhos ou movimentar sequer um dedo. Estava paquerando...

Paquerar... Seduzir com o olhar, com o gingado suave dos quadris, com a atirada sutil dos cabelos para espiar o “bonitinho” que está olhando.

Paquerar... Apertar os lábios para dar brilho ao batom, ajeitar a saia para que fique mais curta e puxar disfarçadamente a blusa para valorizar o decote.

Paquerar... Diminuir o passo e cadenciá-lo, sem pressa, gesticular expressivamente e dar realce ao anel, à pulseira ou a um detalhe qualquer.

Paquerar... Timidamente deixar sair o “oi” com voz de penumbra.

Paquerar... Dançar após um gentil convite e, sendo o “escolhido”, não agradecer a dança.

Paquerar... Sentir o arrepio do “rosto colado”, às vezes por instantes durante a marca dançada.

Paquerar... Ser gentilmente ajudada, cuidada, quando alguém carrega os livros ou segura suavemente a mão escorregando devagar.

Paquerar... Mandar um recadinho ou pequeno bilhete terno e gentil.

Paquerar... Imaginar o beijo na boca ou um toque mais ousado e estremecer de desejo por isso.

Paquerar... Indagar sofregamente um conhecido sobre algo que desvende a história do “preferido”.

Paquerar... Envolver-se com reservas para não parecer “fácil” ou volúvel.

Inevitável: levantar e iniciar a rotina. A noite chega, mas o dia foi colorido. Transitou comigo o “grupo de meninos” esperando o sinal da escola bater e a saída das alunas para iniciar a paquera. As reuniões dançantes animadas pelos LPs que eram disputados, música a música. O footing na Praça Marechal Floriano, guarnecido pelos rapazes alinhados, antes e depois da missa na Catedral. A presença obrigatória na sessão das oito nos Cines Pampa, Imperial ou Real. O almoço no bandejão da antiga Faculdade de Odontologia, intercalando uma noite dançante aí e outra no saguão da Faculdade de Filosofia.

Paquera instalada pra toda a vida, combustível para o romance, compasso da sedução e tempero para os dias de luta.

Janeiro de 2014



Só amor não basta

Muitas vezes me perguntam como se faz para sustentar um casamento por quarenta anos (fora o tempo extraoficial), quando não acrescentam: “e vocês são tão diferentes!”... Situação em extinção hoje!

Confesso que eu mesma, vez ou outra, tenho me indagado sobre isso. Vamos ser leais! Não existe casal que, num espaço de tempo desses, não tenha sentido vontade de “chutar o balde”. Podem se diferenciar as causas, o número de vezes e a coragem de confessar.

Acontece que para cada resposta há um tempo, e muitas vezes esse tempo não é determinado por nossa vontade, mas pela história de vida, pela leitura dos fatos e pelo amadurecimento pessoal. Hoje creio ter encontrado algumas respostas e uma certeza:

AMAR, “solamente”, não basta!

Há que se iniciar por um encantamento e caminhar por uma paixão capaz de manter a magia do toque, do olhar e do sussurro como o combustível que, em qualquer instante, às vezes o mais inesperado, acenda o fogo da sexualidade e possibilite que nos vejamos, independentemente do tempo e das circunstâncias, lindos, fortes, vigorosos, sedutores, pois para isso fomos feitos, homem e mulher. Na essência de ser humano e por opção, nos amamos, apesar de não possuímos qualquer laço de sangue.

Simultaneamente, é imprescindível que se construa um respeito pelo jeito de ser do outro, pelas suas conquistas e fracassos, pelas suas alegrias e mágoas, pelas suas lutas e desânimos, pelas suas limitações e superações, pois isso será o suporte do reconhecimento das individualidades, que, numa aprendizagem lenta e muitas vezes dolorosa, garantirá a concessão de nossa própria autonomia e da autonomia do outro. Aqui se incluem um pouco de silêncio, um tempo para cada um, jogo de cintura, amigos de infância e juventude, a capacidade de fazer de conta que não escutou, vida própria numa família ampliada. Mas tudo isso resultará em confiança e compreensão.

União não é fusão! Impossível haver fusão de pessoas, pois onde há sonhos, desejos, temperamentos, caráter, opiniões que se encontram e desencontram, fragilidades que sofrem tristezas, mágoas, desencantos, cada um tece uma teia pessoal desconhecida, muitas vezes por si próprio. Com os pés no chão, sem perder a poesia, há que se



cultivar a generosidade e a ternura. Quando amamos alguém com quem possuímos laços comuns de sangue, isso é mais fácil, é visceral, mas num casamento longo isso precisa ser alimentado no cotidiano com paciência e muita perseverança, regado pelo perdão e acalentado por uma constante prontidão para recomeçar.

Impossível não lembrar que é o casamento o maior investimento que realizamos na vida e que investir exige trabalho árduo, luta, briga, jogo, risco, confronto, partilha e perdão. Nem tudo dá certo, mas há que se evitar, de todas as formas, a falência, salvaguardando a dignidade e a integridade do casal.

Hoje, acrescento a gratidão pelas vezes que conseguimos “desvirar o balde”, “refazer a mesa”, “esquecer as falhas nos lençóis comuns”, pois assim colhemos os frutos de uma parceria que faz os dias terem sentido. E assim é possível saborear esses frutos que vergam os galhos de viçosas árvores nascidas de sementes de amor.

Setembro de 2009



Casamento indissolúvel

Sou da geração que “casava para dar certo”. Nem sempre dava, mas o investimento no casamento era muito forte, e a sua falência, um desmoronamento total, lento para assimilar e difícil de ser consumado. É evidente que sempre houve exceções. Falo em regra geral. O namoro era romântico, sonhador e sedutor. Acredito até que o período do namoro sustentava muito a relação que vinha depois. Tinha esse quê de encantamento, de expectativas e projetos que serviam de combustível para o relacionamento. A sensualidade “entre a luva e a manga do casaco”, descortinada aos poucos, gerava a cada encontro um desejo de “querer mais”. O “revelado apenas pelo olhar” era enigmático e desafiador. Observo hoje a ausência de “namoro” e até tenho escutado queixumes dos jovens com relação a essa carência.

Uma vez casados, iniciava a luta para dar certo. O casal enfrentava desafios comuns a todos os que partilham uma vida em parceria: conquistar um espaço, entender e respeitar as individualidades, agregar as famílias de origem, abrir mão de algumas coisas e apropriar-se de outras, instalar uma nova rotina, cercar-se de conforto e segurança, acolher, educar e encaminhar os filhos. Havia tenência nessa luta. Parece que lentamente, mas não tanto, o tempo passa e o ninho tecido se modifica. Os filhotes voam em busca de outras moradas, o casal se surpreende novamente a dois.

Por mais companheiros que se tornem, os “namorados” não se eternizam juntos e vão descobrindo cada vez mais que suas identidades não se dissolvem numa fusão. A busca da autonomia e da voz e vez de cada um é perseguida. Vejo isso muito mais forte na maturidade e na velhice. Há quase uma intolerância ao “controle” de um pelo outro. Há um desejo ardente e derradeiro de ser quem se é. O grito de liberdade sufocado, às vezes por muitos anos, urge por brado que se faz pelo alicerce que o companheirismo e a cumplicidade de anos construíram num casamento longo ou por acontecimentos dolorosos e, não raro, pela viuvez.

Não cabem aqui julgamentos, inclusões nem comparações, mas cabe uma certeza: só existe um casamento indissolúvel, o que se faz com a gente mesmo. Este acompanha o levantar e o deitar, o sonhar e o realizar, o lutar e o estagnar, o nascer e o morrer. O amor incondicional, a serenidade, a ternura, a compaixão, a solidariedade e a caridade são frutos de um bom relacionamento nesse casamento. Há que investir nele enquanto a vida arde.

Janeiro de 2014



Transparência

A taça do brinde continua a mesma. Partida em incontáveis pedaços, ainda consegue conter o vinho ou o espumante que às vezes escorre disfarçadamente umedecendo as mãos. Talvez o líquido venha dos olhos ou da alma, também partida. Todas as rachaduras foram feitas em momentos diferentes. Um tropeço, um deslize, um gesto grotesco, um som alterado, uma batida descontrolada, uma pisada forte ou em falso, enfim, o mosaico vai tomando forma. Em alguns encaixes, a cola usada para restaurar é quase invisível, noutros fica “mal feito”, “desalinhado”, “imperfeição a olhos vistos”.

Pela importância da história que guarda, conserva-se a taça, embora embaçada, menos bela, prejudicando o êxtase e o enlevo anteriores. O desgaste vai tomando conta. Já não se vê com clareza o que contém. Perde a transparência. Em alguns pontos faltam pedacinhos do cristal, irrecuperáveis... insubstituíveis.

Para que juntar cacos com a intenção de preservar histórias, valores, sentimentos? Tudo fica muito transparente: o que foi sempre será...

Setembro de 2009



Metáforas de um “sisudo”

Você sabe o que é “sisudo”? É sério, cara fechada, sorriso raro, pouca conversa, às vezes parecendo brabo... Mas isso é apenas um jeito de ser.

Tem pessoas que são assim. Conheço e convivo com algumas delas. Com uma em especial tive uma convivência longa, profunda, amorosa e cheia de aprendizagens. Aprendi que...

- São como piruás. Você sabe o que são piruás? Pipocas que não estouraram, mas carregam no grão as mesmas propriedades das que ficaram branquinhas.

- São como sementes em dormência. Necessitam processo especial para germinar.

- São como cactos. Difíceis de se deixarem tocar, mas guardam flores sensíveis e belíssimas.

- São como chocolate em barra. Firme, escuro, mas doce que se derrete com qualquer calor.

- São como plumas ao vento. Difíceis de segurar, mas leves e suaves.

- São como pedras de rio. Duras, perenes, mas se moldam artisticamente com o curso d'água.

- São como dias nublados. Cinzentos e fechados, mas num repente deixam o sol se mostrar.

- São como troncos de árvores. Escondendo a seiva, mas sustentando toda a ramagem.

- São como cocos secos. Ásperos e escuros, mas preservando a polpa branca e o suco curativo.

- São como FÊNIX. Ensimesmadas, de voo alto, resistentes, austeras, persistentes, mas ressurgem das cinzas!

Fevereiro de 2014



Fadas ou bruxas?

Tenho para mim que as mães e as avós são fadas e também são bruxas. Elas têm o poder da alquimia como ninguém. Transformam o pranto em riso, a fome em satisfação, o medo em segurança, a frustração em realização... Todos os opostos se unificam com a sua intervenção.

Deve ser pelo saber. Quanto mais velhas, mais sábias. Falo de um saber volátil, um saber perfumado, um saber que não se explica nem necessita de compreensão. Um saber que surge não sei de onde, na hora certa. Que transborda no olhar, no toque, no colo, nos gestos... Sem necessidade de palavras. É como se a varinha de condão rompesse o peito e, cheia de luz e energia divina, preenchesse o vazio, anulasse a ansiedade e aliviasse qualquer dor, desencadeando uma chuva de purpurina da CURA e BEM-AVENTURANÇA!

Outubro de 2013



Fotos de papel

Pertenço ao grupo, em extinção, que seleciona fotos especiais, imprime-as e organiza-as em pequenos álbuns. Gosto de manusear várias vezes as mesmas fotos e não sou adepta de clicar em aparelhos para vê-las passar. Acho interessante armazená-las num equipamento tecnológico, mas não confio neles como arquivo permanente. Gosto de porta-retratos, de painéis palpáveis, de quadros que lembrem ou reverenciem pessoas, lugares e momentos singulares. Acredito que é imprescindível que os mais novos se familiarizem com seus ancestrais, parentes ou amigos distantes, e a foto é uma referência concreta. Importante que se vejam também em outras etapas que viveram até para perpetuá-las em seu coração e fortalecer ganhos e perdas de cada uma delas. Tranquilamente escuto “chacota” dos filhos, netos, sobrinhos, amigos jovens, quando me veem fazer isso. Continuo a doce tarefa de carinhosamente ilustrar cada fase de vida dos que me são caros e estou certa de que, em determinado momento, muitos deles vão pleitear a posse desses retratos. Costumo dizer que se não fosse valioso guardar referências históricas os museus seriam implodidos.

Os traços que cultivamos têm sempre uma origem, e eu vejo fotos tiradas por meu pai, na 2ª Guerra Mundial, no arquipélago de Fernando de Noronha, com uma Kodak quase do tamanho de uma caixa de sapatos e tenho vontade de mandá-las para um museu. Isso era encantamento e vontade de que outros compartilhassem das maravilhas virgens que lá se escondiam. Parece com a frase célebre do menino que pedia ao pai: “me ajuda a olhar”. Em mim, gostar de fotos é raiz.

Só para ilustrar e fortalecer o assunto em questão, cito um fato ocorrido há pouco tempo, depois de momentos felizes vividos em família e com amigos, em datas e lugares singulares: 480 fotos, em máquina digital, acidentalmente deletadas. Consternação geral... Busca de recuperação fracassada. Minha neta de 11 anos se apropriou como uma leoa das que tinham sido reveladas, escondeu-as e levou consigo para a Inglaterra... Será também raiz?

Setembro de 2013



Segredos de família

Se havia coisa que me dava “tesão” era ouvir a ordem: - Vá brincar lá fora, isso é conversa de gente grande!

Daí então é que me aguçava uma vontade tal de escutar e descobrir o que falavam que não tinha como sufocar. Saltitava daqui, disfarçava dali e ia “pescando” pedaços de palavras que, associados aos olhares e gestos, me davam mais incentivo para saber de que tratavam. Aprendi muito nessas escutas, e o que não foi claramente expresso sempre me dava uma pista para a pesquisa posterior. Acredito até que essa era uma forma muito sutil de exercitar habilidades mentais. Eram informações que funcionavam como quebra-cabeças cujas peças às vezes se uniam com facilidade e outras vezes só se fechariam na idade adulta. Acredito que ainda tenha alguns quadros em aberto.

Questões sobre sexo era muito comum serem tratadas em sigilo, assim como algumas fofocas e especialmente o que chamavam de “segredos de família”. Para mim esses últimos eram os mais fascinantes. Uma desavença familiar, um filho natural ou “gaúcho”, um caso amoroso ou uma traição conjugal, briga por herança ou apropriação indevida, gravidez fora do casamento, aborto provocado, adoção, homossexualidade e tantos outros fatos corriqueiros nos dias atuais eram trancados a “sete chaves” e só os “mais velhos” sabiam. Com rigidez eram ocultados e, além de se tornarem uma carga para quem os conhecia, incentivavam a mentira e a hipocrisia. Atualmente, isso por um lado me parece mais transparente, mas por outro permanecem os dramas familiares com mudanças de enredo e endereço, embora com desafios semelhantes. Nunca me esqueço de uma pessoa simples, espontânea e sábia que num certo dia, afogada pelas preocupações com os filhos, falou para mim: - Professora, a única coisa que muda é que uns têm dinheiro e outros não têm, uns contam e outros não contam...

Sábias e verdadeiras palavras. Fiz imediatamente a conexão com minhas experiências de infância.

Janeiro de 2014



Terra, suor e verde

A postura da árvore me impressiona: imponente, firme, majestosa e tranquila. Se uma só convida à contemplação, uma multidão delas nos transporta a uma viagem fantástica, especialmente quando a acompanhamos da germinação da semente até a sua maturidade. Na pequenez do início se esconde a incapacidade de abraçá-la ou alcançar seus galhos mais tarde.

O verde-escuro de sua protetora ramagem cerra meus olhos e num repente o chão se desnuda, a terra arenosa se faz poeira e torrão. Esse pedaço de chão se esvazia e volta no tempo. Escuto o rumor da vontade, do trabalho e da perseverança. A luta marca o compasso, e os dias se tecem por um “ir e vir” cheio de intenções, expectativas e planos. Tudo isso na real certeza de que quando a natureza entra em ação o retorno é distante e corre o risco de a vista não acompanhar e de a vida não colher os frutos.

O susto passa. Os olhos se abrem com medo, mas lá estão elas, frondosas e acolhedoras. Maternais como toda a natureza. A seiva que sobe da terra outrora vazia se confunde com minhas veias. Por instantes me dissolvo nesse mato, e a tranquilidade se instala. A brisa e os raios de sol, como energia divina, fortalecem meus pés na profundidade de suas raízes. O suor do homem que carinhosamente ajeitou a semente, adubou seu crescimento, eliminou seus predadores salpica minhas lembranças, se confunde com minhas lágrimas e toma forma de gratidão no andar do desaparego. Suspiros jovens me embalam, e essa energia vai comigo para sempre!

Sítio do Segredo, janeiro de 2014



Acendendo velas

Por mais de sessenta anos apaguei velas no dia de meu aniversário. Nunca refleti sobre isso. Ia na repetição do que tinha vivido e visto. A gente não questiona os costumes. Na maioria das vezes apenas os incorpora, reproduz, automatiza. Apagar o quê?

Há poucos anos, inspirada no querido mestre Rubem Alves, comecei a acendê-las. Iniciar um novo ano com muita luz. Colocar um farol no caminho incerto que se vai trilhar, do qual não se tem o mapa. Imaginar, prever, devanear sobre o que não se conhece tem poder pequeno, mas colocar fé, vigor e celebração no desconhecido ajuda muito. Se não for no trajeto, será na nossa mente e no nosso coração.

Projetam firmeza, determinação e humildade no reconhecimento de que somos pequenos e impotentes para mudar o rumo divino, porém capazes de acender o lume e erguer o farol da confiança e da esperança em direção ao que não vemos. Não controlamos nada, mas podemos direcionar nossa energia em harmonia com o sopro do vento e a correnteza do rio. Não mudamos o mundo, mas, acendendo em nós mesmos a chama da busca espiritual, estaremos dando um salto ao crescimento coletivo, equilíbrio cósmico e despertar de consciência.

Um ano a mais, luminoso, marcado por essa nova vela de aniversário, faz toda a diferença. Que queime até o final, no seu ritmo e na intensidade de sua chama. Que sejam tantas as velas quantas forem as capacidades de fortalecer e aperfeiçoar essa projeção numa celebração verdadeira e entusiasta à VIDA!

Outubro de 2013



Opções impostas

Por muito tempo acreditei que na colheita da vida recolhíamos frutos pertinentes às opções feitas, ou seja, independentemente da quantidade ou qualidade da safra, ela colocaria em nosso celeiro o retorno das sementes plantadas, do empenho e do trabalho empregados no seu cultivo e da energia envolvente de cada estação. À medida que fui avançando no tempo, sentia-me um tanto tranquila, pois tinha a certeza de sempre ter feito o melhor que podia e que sabia em cada momento vivido.

A esperança da resposta aos esforços despendidos me deixava transitar num pôr serenamente, erguendo a mão para (a)colher belos, perfumados e saborosos retornos. Com certa presunção me surpreendi em algumas ocasiões desafiando e questionando os defensores de teorias que falam em destino, carma, sorte, azar..., bem como enfaticamente repetia para os que me cercavam: “Escolheu, assumo! Decidiu, encampe!”. Também, observando-me e escutando as pessoas convictamente dizendo: “Já avisei... Depois não vou me envolver”.

Para muitas coisas serve envelhecer, e uma delas é a oportunidade de revisão e mudança de opiniões e posicionamentos. Recolhemos, sim, em nossos balaios muito das opções feitas pelos outros e principalmente por nossos afetos. Demoramos o tempo que é nosso, mas guardamos em nossa despensa, com docilidade ou rebeldia, resignação ou revolta, silêncio ou queixume, riso ou lágrima, fluidez ou rigidez, as escolhas que eles fazem. Incorporamos essas decisões na nossa vida e por isso também temos nesta uma farta fruteira de retorno às opções que nos são impostas e que não temos, na maioria das vezes, condições de avaliar. Cabem-nos a abertura para saborear o desconhecido e a leveza para transitar nessa aprendizagem, até porque é a única alternativa que nos resta, a fim de que preservemos os relacionamentos e a convivência com os que nos são caros.

Janeiro de 2014



Anotações de Baú



São os rabiscos guardados, os antigos, amarelados,
pedaços de tempo que o tempo não apaga.

Num repente voltam, querem ser ditos,
precisam ser ouvidos.

É prazeroso contar,
é história pra ficar,
é nó pra não desatar,
é ferida pra curar...

É amor para eternizar!



Convite

Vamos brincar de casinha
com fogão feito de barro
panelas são de latinhas
arroz é folha de angico
sementes de cinamomo
são batatas ou grão-de-bico?

Na árvore tem um balanço
de corda grossa e amarrada.
O terreiro é limitado
mas o vizinho é amigo
dá prá "pedir emprestado".
As bonecas são de pano
e o cavalo de pau, "domado".

Um pouco mais retirada
a mangueira de pauzinhos
o gado feito de osso
seco no sol, bem limpinho
se chega lá pra tratar
e pegar leite morninho.

Descansando numa sombra
o pé de lata e a pandorga
um pião, um bilboquê
bola de gude e de meia
perna de pau, bambolê
nos galhos da amoreira.



As flores servem de adorno
as pedras abrem caminhos
a água jorra abundante
e o canto dos passarinhos
é a música envolvente
que alegra a mim e aos vizinhos.

Veja só, queres brincar?
É pra trazer quase nada
só vontade de sonhar...
Tenho um pouco por cá
e o pátio da vovó
outro tanto vai nos dar...

Agosto de 2012



Lili Marlene

Uma novidade: boneca que caminhava e virava a cabeça para um lado e para o outro. Antes, só conhecia boneca de pano, de louça ou de plástico rijo, que abria e fechava os olhos com lindos cílios. Uma dessas foi ofertada à irmã do meio, no sapato da janela numa noite de Natal. A minha era mais sofisticada, feita de material muito fofo, gostoso de apertar, cintura e pernas moldáveis. Possuía também cabelos cacheados. Meu pai deve ter escolhido pela idade.

A Lili Marlene, minha boneca, tinha ares de mocinha, usando saia xadrez e carregando no braço uma maleta com bobes e um pente. A irmã menor ganhou uma boneca que chorava quando a gente a virava de bruços. O segredo era um pequeno fole que ela tinha na barriga, por onde o choro era produzido ao mudá-la de posição. O meu irmão ganhou um caminhão. Tudo nos sapatos que cuidadosamente colocávamos, juntinhos, à espera dos presentes. Para a época e nosso poder aquisitivo, acredito que o esforço tenha sido muito grande para nos ofertar esses brinquedos.

Noutro Natal, o Papai Noel foi nos visitar, coisa rara naquele tempo. Meu pai sempre “andou na frente”. Muito equilibrado economicamente, fazia malabarismos para nos proporcionar essas surpresas. Queria nos encantar. Dessa vez, a Nadia ganhou a Rosane, a Dinamar ganhou a Rosinha, e o Guaraci, um inovador revólver de espoletas.

Hoje, me lembro com saudade e carinho desses brinquedos, mas inesquecível mesmo é a alegria escondida e contida que movia o meu pai. Na sua severidade e aparência dura, não passava de uma manteiga derretida e vibrava muito mais que todos nós juntos. Só agora entendo... era a criança escondida dele que se soltava através de nós, mesmo que ele a sufocasse. Um pouco dessa criança brinca, canta e dança comigo e com a minha criança interior.

Outubro de 2008



Sapato de princesa

Branco, bico fino
só faltava ser de cristal
o sapato do Natal.

Mas fazer o que
se o pé era maior?
Encolher, espremer, dobrar
e dentro dele
dar um jeito
de o pé enfiar?

Era um por ano, nada mais...
Cansada do algodão
que preenchia o número
até chegar no ano que vem
resolvi transgredir...

Comprar o sapato de princesa
nem que fosse para explodir...
Explodir o quê?
O pé, certamente,
que não poderia ser cortado,
mas acabou com o calcanhar machucado, sangrando
como os da irmã da Cinderela.

Não foi pelo príncipe,
mas pelo sonho
de ter um sapato de princesa
parecido com os da realeza.

**O sangue é pequeno
quando o sonho é grande.**
Eis a certeza!

Outubro de 2010



Descalçadeira de botas

Ao assistir ao filme que faz nova releitura de *O tempo e o vento* de Erico Verissimo, as imagens do punhal de Pedro Missioneiro, da roca de Dona Henriqueta e da tesoura de Ana Terra acordaram em mim uma reflexão profunda sobre objetos de poder, o que na primeira versão não aconteceu. Poder que não se vincula ao valor material, mas é preñado de histórias, de valores, de vida, de morte, de amor, de dor, de lutas, de vitórias e de derrotas. Objetos que falam, emocionam e narram por si só uma senda de gerações que se fazem imortais no sangue comum perpetuado e preservado com orgulho e tenacidade.

Observo, numa porta de minha casa, uma descalçadeira de botas que pertenceu ao meu pai e foi usada cotidianamente por ele. Rústica, simples e sulcada por marcas, não traz beleza alguma, mas tem o poder de levar a minha imaginação pelos lugares por onde andaram suas botas e quantas ali ancoraram. Muitas das crianças que aqui vêm gostam de brincar com ela, e eu fico imaginando a figura austera de um militar forte e enérgico rodando entre as brincadeiras dessas crianças. Nunca ninguém adivinhou a serventia desse objeto. Quando é oportuno, sinto prazer em contar a sua história e colocar aí uma pitada de mistério e humor. Aproveito para falar um pouco sobre meu pai e sobre como vivíamos.

Guardo comigo, por anos, o cartapácio onde minha avó carregava a lousa que lhe serviu de caderno e carinhosamente coloco botões na lata de pó de arroz – KALODERMA – que ganhou como primeiro presente de meu avô. Em dias muito especiais minha mesa tem o privilégio de receber o paliteiro, em forma de repolho, que meu pai usou para presentear sua futura sogra na visita onde oficializou seu namoro com minha mãe, bem como a jarrinha de vidro vermelha que minha mãe comprou com oito anos para enganar os outros, fazendo água passar por vinho.

Enquanto escrevo, sobre a estante um binóculo muito antigo que veio passando de pai para filho me “mira” com o olhar ampliado de alguma energia centenária que certamente também gostava de escrever... de refletir... de olhar distante. Ao seu lado, o baú pequeno de latão onde eram guardados os “cobres” para as primeiras necessidades, em seu silêncio, parece guardar a frase de um dos meus pequenos:

- É verdade, vovó, que na tua casa tudo tem história? Conta mais uma!...

Setembro de 2013



Pandorgas

De repente...

aquele homem rude
forte, grande e exigente
torna-se menino
e num banquinho
rude e forte como ele
encolhe-se... fica pequeno
brinca com cores
taquaras e fios...

Movimentos bruscos

ficam leves

Suas mãos pesadas

tornam-se hábeis, artísticas
e dançam
sobre o papel de seda
sob o olhar ansioso
iluminado e curioso
de seus pequenos...

Pouco a pouco

os marimbondos
as bombas
vão tomando forma
diminuindo o peso
mostrando desenhos inesperados
com simbologias
que nunca se repetem.



Isso é sempre
numa quinta-feira Santa
à tardinha... o sol se pondo
a alegria surgindo...
que fará da noite
uma espera incontida
e mal dormida
torcendo
para que a chuva não venha.

No outro dia:

A FESTA!!!

Adaptação do barbante
tamanho da cola
sintonia dos tirantes
gritaria:

- Sobe a minha ...
- Puxa a dele...
- Segura para não escapar...
- Olhe... está cabeceando...
- A outra... coleando...

E o céu de minha terra
se enche de flores
para saudar a Jesus
da forma mais bela:
acordando a criança
que dorme
em cada PAI
em cada AVÔ
que preserva uma cultura centenária e imortal.

Março de 2008



Março de 64 (Um outro lado...)

Homem forte... fardado...
sério... preocupado...
Nem do alto escalão, mas também
não anônimo no batalhão.

Um militar experiente,
longo caminho no exército,
comprovada e reconhecida liderança.

Calado... sério...
preocupado... fardado...
por alguns dias, aquartelado!
Comentários? Nenhum.
Notícias desconstruídas e sussurradas.

Esposa angustiada,
pequenos alienados e
da adolescente rebelde, o grito:
"Foge para o Uruguai!"

Até então muito prosa,
ela pensava, como outros jovens,
poder mudar a pátria, a sociedade, a miséria.
Liberdade de voz...

utopia!



Agora, ali, frente ao pai
e a voz da revolução:
o medo, a insegurança e
o desejo de preservação de seu herói
falaram mais alto.

Herói?!

Que não sabia
o que os grandes faziam.
Que, por disciplina,
por princípios,
por lealdade,
por coerência consigo mesmo,
calmamente retornava
a obedecer o coronel,
sem sequer saber a verdade,
mesmo dentro de um quartel.

Novembro de 2007



Bênção, pai...
Bênção, mãe...

Ficava encantada quando, na minha infância, via minha mãe adulta curvar-se em frente ao meu avô e à minha avó pedindo-lhes a bênção, ao que eles respondiam: “Deus te abençoe”. Ensaiei muitas vezes esse ritual porque o achava mágico, mas meu pai não fazia questão que a gente se educasse nesse sistema. Mesmo assim, de vez em quando, eu deixava escapar um pedido de bênção para os avós e tios-avós, que eram habituados a abençoar. Acreditava que depois disso as pessoas estariam protegidas e fortes e nada deveriam temer, nem teriam por que fraquejar.

Tinha a segurança de que ser abençoada era possuir um círculo luminoso e angelical ao redor, o que se assemelhava a ter “o corpo fechado”. Assim cresci: buscando bênçãos e silenciosamente abençoando meus filhos. Sentia-me acanhada para pronunciar palavras, por isso os envolvia pelo meu olhar de proteção, pelo amor incondicional e por preces que clamavam por bênçãos. Muitas vezes terceirizava o ato de abençoar para um divino que colocava fora de mim e fora deles.

Conquista da caminhada na vida e de bênçãos desta e de outra dimensão, tenho hoje uma clareza muito grande sobre isso. Sou grata por essa aquisição e reverencio a tudo e a todos que me ajudaram a atingi-la. Curvo-me, como minha mãe fazia diante de seus pais, e humildemente assumo minha pequenez, mas reconheço que possuo também uma centelha divina que me outorga o poder de abençoar. Quando faço isso, quer seja pelo olhar, pelos gestos, pelas palavras, pelos desejos, ou pelos apelos, meu coração pula na frente e lança uma flecha de luz e de amor para “o que” ou “quem” está sendo abençoado. Com serenidade e harmonia posso vivenciar o “te abençoo” ou o “Deus te abençoe” com que tanto sonhei na infância. NAMASTÊ!

Setembro de 2013



Irmã – Anjo

Uma foto é a única lembrança palpável que tenho de ti: palpável e comunicável. É o documento que prova tua presença, tua existência, tua inocência. É a candura entre as flores, a parte do quebra-cabeças que completa a família, a primeira, a mais velha, a intocável. Aquela que alimenta a imaginação dos meus irmãos que não te viram, escureceu por anos o coração da minha mãe e levou embora, por um bom tempo, o sorriso do meu pai.

Para mim, tua imagem não é esta, apenas é referência. Tua imagem é de menina bem maior, sorrindo, cabelos mais longos, cacheados, me convidando para brincar. Da última vez a lua era cheia, a noite, clara, e tu me seduzindo a pular a janela e correr contigo. Que pena não poder segurar-te, mas que graça poder gravar na minha alma este último encontro concreto. Por isso tenho a certeza de que és um anjo que vive junto a mim.

Aquela noite não fui, mas tu ficaste para sempre comigo.

Setembro de 2007



Lembranças aquareláveis

PRETINHO... BÁSICO?

O preto era a expressão do luto.

“Luto fechado”, todo o traje preto usado pela mulher quando da perda do marido – por longos anos –, do pai, da mãe ou de um filho maior, pelo prazo de um ano, que poderia depois ser “aliviado” para meio luto, por seis meses, com roupas em preto e branco. O homem, nessa situação, usava camisa preta e, no caso de falecimento de irmãos, uma faixa preta no bolso ou na manga da camisa, chamada de “fumo”. Nas casas onde transcorria o velório era colocada uma fita preta na parede pelo lado de fora. Era comum a compra de peças de tecidos preto para a confecção de roupas aos enlutados.

A expressão de dor das pessoas era ampliada pela cor das vestes e pela sobriedade do figurino. Mulheres usavam meias pretas escondendo as pernas em sinal de sofrido recato. Muitas vezes usavam um lenço preto amarrado na cabeça. Por ocasião da morte de meus avós, minha mãe assim se trajou, e isso causava grande desconforto ao meu pai e aos filhos ainda pequenos.

As correspondências que na maioria das vezes anunciavam o falecimento eram marcadas por tarja preta no envelope e no papel da carta ou cartão. Comprava-se assim nas livrarias.

Quando decretado “luto oficial” por morte de pessoa ilustre, a fita preta era usada nos carros, nas charretes, nas carroças e ornamentavam quadros com fotografias e fachadas de prédios. Quanto preto vi, na infância, por ocasião da morte de Getúlio Vargas.

A VEZ DO “BRANCO”

De tanto observar o reinado do preto, que muito além do “pretinho básico” toma conta dos mobiliários, objetos de decoração e peças de cama e banho, resolvi desfraldar a “bandeira branca” das lembranças. Essa bandeira inicia pelas bandeiras da paz e



traz a lembrança dos “lenços brancos” acenando numa celebração de despedida. Essa cor predominava nos enxovais e era obrigatória nas vestes dos batizados, na primeira comunhão e nos casamentos.

Branca e engomadas eram as camisas dos homens alinhados. Branca era a calça do “malandro”, bem como seu sapato, e trajes de linho branco vestiam os homens em momentos solenes.

Branco eram os uniformes dos estudantes das escolas públicas (guarda-pó) com emblema no bolso, as meias e os tênis dos desfiles patrióticos.

Branca, as toalhas nas mesas de qualquer cerimonial mais requintado, e alvos, os lençóis de linho, cambraia ou cetim das alcovas perfumadas. Pessoas menos abastadas os confeccionavam de algodão, mas branco. Para que a cor fosse mais pura, usava-se o anil na água de enxágue e ao guardar se enrolava a peça em papel de seda.

Roupa íntima e saias de armação branca, engomadas enfeitavam a moça de cintura fina e bem postada para dar forma aos vestidos artisticamente confeccionados. Golas, punhos e lencinhos brancos também faziam um fino acabamento. Branco eram os “paninhos” usados pela menina-moça como proteção durante o “ciclo menstrual”, ou, como se dizia, durante as regras.

Flores brancas decoravam, emolduravam e eram presenteadas quando se desejava materializar a pureza, a serenidade, a lealdade e a divindade.

As oferendas feitas a Yemanjá são levadas por mulheres de branco que caracterizam, também, nos rituais de origem afro, as Mães de Santo.

Vultos brancos representam espíritos de luz ou anjos. Santos sempre portam algo branco, e Jesus, o Mestre dos Mestres, vestia uma túnica branca.

ROSA-BEBÊ – AZUL-CELESTE

Menina vestia rosa, e menino, azul. Excluindo o branco, o amarelo e o verde, sempre em tons claros, essas eram as cores que formavam um enxoval de bebê. Fitas, rendas, bordados e camisas de cambraia. Fraldas brancas, de tecido, alvejadas e esterilizadas – fervidas – sem sabão em pó e sempre muito bem passadas a ferro. Era comum o uso de cueiros, sacos de tricô ou crochê que, como acabamento e agasalho, tinham, sobreposta, uma mantilha com delicado e ornamentado vira-mantilha. Uma vez enrolada aí, a criança só ficava com a cabeça à mostra, isso quando não a cobriam por uma touca e com dificuldade só se avistava o rosto. Para o batismo, independentemente do sexo, usava-se uma “camisola” que, considerada consagrada, era guardada como relíquia.



As meninas, nos primeiros dias de vida, tinham suas orelhas furadas e recebiam brincos como primeiro adorno. Bicos – chupetas –, às vezes de ouro, corrente e prendedor de bibeiros eram muito usados. O poder aquisitivo aí ficava muito evidenciado, além de serem mimos comumente dados de presente. As mães se envolviam com o enxoval do bebê, e isso era extensivo aos familiares, pois até as fraldas eram confeccionadas artesanalmente. O “descartável” ainda não imperava. Apesar de bem mais trabalhoso, a energia de esmero e envolvimento que essa espera exigia ia muito além do material e delineava o nível de aceitação, acolhimento e amor dedicado ao novo ser. Servia até como ritual de preparação para uma nova fase de vida, transformadora e irreversível.

A COR DA “TRANSMUTAÇÃO”

Quando menina, sentia-me perseguida pelo roxo. Essa cor cobria todas as imagens e quadros de dentro da igreja durante a Semana Santa, e isso me assustava. As mortalhas, vestes que cobriam os defuntos, sempre eram roxas, bem como as molduras do caixão e as faixas das coroas, que eram feitas com flores de latas. Nos paramentos dos sacerdotes essa cor também predominava.

Com o passar do tempo e o acesso a informações coerentes sobre o significado das cores, entendi que o roxo corresponde à “transmutação”, ao “renascimento”, à “energia transcendental” e passei a me encantar por essa cor. Profundamente mística, ela traduz a magia, o mistério e a purificação. Além disso, é utilizada em tratamentos para tranquilizar e acalmar pacientes com distúrbios psicológicos, bem como para liberar os medos.

A ametista tem hoje minha preferência entre as pedras naturais, e a flor de maracujá, com um desenho mágico e fascinante no centro, todo meu encantamento. Nas peças de vestuário, me perco entre as diversas tonalidades de roxo. Isso será “transformação”? Externa ou interna?

Janeiro de 2014



Rituais

Quando nasceu minha filha, os rituais tomaram conta do meu cotidiano. Era um ritual para amamentar, outro para o banho, outro para fazê-la dormir, outro para preparar suas mamadeiras, esterilizá-las, bem como suas roupas, em especial as fraldas, que eram fervidas e muito bem passadas... Acredito que dispensava mais tempo na preparação que propriamente na execução de cada tarefa. A insegurança tomou conta de mim quando me deparei sozinha com aquela miniatura de gente que eu queria criar com perfeição. Muitos dando palpite e eu buscando toda a aprendizagem do mundo para errar o menos possível. Apesar de tudo que me preparei, sentia-me incapaz, pois ela chegou sem manual de instruções. Era uma desconhecida e misteriosa criatura, sem palavras, indefesa e surpreendente como qualquer bebê.

Os rituais me tranquilizavam. Eram como uma oração ou uma meditação para fortalecer a minha intervenção no seu mundo e no seu desenvolvimento. Não devem ter influenciado muito sua vida, mas fortaleciam a minha energia e emolduravam meu perfil materno.

Vieram os outros filhos e em cada um sentia os ritos se ampliarem. Ritos de proteção, de cuidado, de compaixão e de amor. Sentia-me mais solta para elaborá-los melhor. Em cada fase surgiam necessidades diversificadas, e eu implementava novas formas de viver os desafios de me proteger dos fracassos. Sempre presentes os ritos religiosos e até supersticiosos passados de geração a geração. Envolvê-los pelos anjos a cada despedida escolar e por tudo que é divino quando entram na adolescência e começam a fazer suas incursões pela noite e pelas baladas. Presenteá-los com um amuleto de sorte sagrado, ou colocá-lo às escondidas em seus pertences. Envolver o carro, ônibus ou avião num círculo de luz antes de uma viagem. Concentrar-se e enviar energia positiva antes de uma prova, entrevista ou apresentação de trabalho. Era a forma de amenizar a ansiedade, permanecer serena na ausência e ir além de onde nos é permitido acompanhar.

Embora adultos, distantes, cada um em seu próprio ninho então ampliado, não consigo adormecer nem iniciar o dia sem um ritual de proteção para cada prole. Isso parece um indutor de sono ou impulso para sair da cama pela manhã.



Com os netos a história se repete, mas a maturidade torna os rituais mais leves e com maior certeza de valor. Não desgastam e são muitas vezes automáticos. Tornam-se mais doces, mais ternos e mais profundos. Transformam as avós em alquimistas que podem ser por momentos benzedeadas, massoterapeutas, fadas, curandeiras, mestras e pastoras. Vão naturalmente imprimindo na vida dos pequenos ferramentas que guardarão com zelo e usarão por toda a vida, para sempre, assim como eu guardo e uso as que aprendi de minha avó.

Maio de 2013



Hora do silêncio

Por uns bons anos estudei em colégio de freiras. Cheguei lá com quatro anos, o que considero um privilégio, pois naquela época pouquíssimas crianças iam para a escola com essa idade. Foi uma distinção por conta de minha madrinha, que era professora fiscal da escola e conseguiu uma bolsa de estudos para mim. Na sexta-feira voltávamos para casa com faixa de cetim (tipo as de rainha), com uma das três palavras: APLICAÇÃO – COMPORTAMENTO – HONRA, respectivamente em azul, rosa e branco. Sonhava com a última, mas sempre me davam a primeira, porque meu comportamento era difícil: tinha medo das freiras e não queria ficar na escola. HONRA só recebia quem acumulava aplicação e comportamento.

O tempo passou e adquiri um amor muito grande, além de respeito, pelo ensino e pela rotina da Escola Santa Teresa de Jesus em Santana do Livramento. No ginásio, saía pagueada – em tecido xadrez marrom e branco a trinta centímetros do chão, conferidos sempre pela régua de uma “juvenista” sob o olhar fiscalizador de uma freira –, a qual rapidamente desenrolávamos da cintura ao nos aproximarmos do portão de entrada. O *look* era completado por blusa branca, gravata, meias brancas e sapatos pretos lustrados.

Dentre tantas práticas que marcaram minha personalidade, hoje uma me veio à lembrança: HORA DO SILÊNCIO. Alunas sentadas após a reverência inicial ao professor, a freira em pé anunciava a hora do silêncio e tocava uma sineta tipo a que os juízes usam nos tribunais. Ninguém se mexia. Ouvia-se o barulho do voo de uma mosca, mas até elas pareciam obedecer. A paz era instalada, embora não entendêssemos a estratégia. Às vezes isso se repetia na volta do recreio. Apreciava a paz e a harmonia desses momentos, sem racionalidade. Era um estado de graça que eu era incapaz de mensurar na época, mas capaz de sentir com intensidade. Acho que algumas gotas desse bálsamo tocaram meu coração ao sepultar meu pai sob o TOQUE DO SILÊNCIO, num clarim. A partir daí comecei a entender e me integrar aos MINUTOS DE SILÊNCIO que publicamente são feitos.

Em diversas situações e em diferentes épocas ouvi professores, rigidamente e com voz muito alta e firme, ordenando SILÊNCIO aos seus alunos. Outras vezes isso tinha o tom de súplica, mas era muito diferente dos “calem a boca” que também ouvi.



Há pouco tempo participei de uma meditação feita em silêncio por uma hora e soube que esta também é feita por uma semana. Enquanto muitos se surpreendiam, eu achava familiar e não questionava o tempo, só valorizava o estado mental, emocional e espiritual. Com a maturidade descobri que o silêncio também serve para aliviar mágoas, evitar atritos, amenizar conflitos, colocar palavras desnecessárias em segundo plano, evitar agressões e dar tempo aos fatos. Serve para processar os nossos erros e os dos outros, incorporar aprendizagens difíceis e doloridas e fortalecer a certeza de que “não controlamos nada – tudo acontece automaticamente”.

Hoje, gratidão pela primeira lição.

Maio de 2013



Contemplando a escola

Desde os quatro anos de idade transitei pela escola. Daí se engajaram sessenta anos de presença cotidiana nesse lugar. Andei por escolas particulares e públicas, ora como estudante, ora como funcionária, ora como professora. Aqui pretendo registrar um pouco das minhas recordações significativas como aluna, o que permitirá aos mais novos fazer uma comparação com as suas histórias.

Entrar na escola no “Jardim da Infância” era privilégio de poucos, e eram raras as escolas que ofereciam pequenas turmas com esse atendimento. O comum era matricular-se com sete anos no primeiro ano primário e aí começar a alfabetização. Como na maioria das vezes a família não oferecia um ambiente alfabetizador, os meios de comunicação eram poucos e as bibliotecas escassas, esse processo se tornava árduo para os professores e para as crianças. A socialização era difícil, visto que não era comum as crianças participarem de eventos e/ou atividades sociais, que se restringiam a brincadeiras com familiares e a vizinhança. Era comum a realização de um teste para medir o quociente intelectual (QI) antes da organização das turmas que congregavam os tidos como “mais capazes” e “menos capazes”. Depois as turmas passavam a reunir os “mais atrasados”, os mais “adiantados” e os “repetentes”, simbolicamente representadas pela Turma A, B ou C. Era fundamental o “período preparatório”, quando para a maioria das crianças eram ensinados até a forma correta de pegar o lápis e o manuseio do caderno. Nessa fase também eram desenvolvidos inúmeros exercícios para a motricidade, as habilidades mentais e implementar hábitos disciplinares. O domínio do alfabeto e o método da silabação eram os mais usados e no final do ano a aprovação se dava, basicamente, por uma “prova de leitura oral” e outra “escrita com letra cursiva”. Nas instituições de ensino públicas, por um bom tempo, as provas vinham, da Secretaria de Educação, lacradas e comuns a todas as escolas. A ortografia era imprescindível. O índice de reprovação era muito grande, e a repetência às vezes acontecia por mais de um ano consecutivo.

Completados os cinco anos de curso primário, todos os alunos que desejavam continuar os estudos eram submetidos a um exame de “Admissão ao Ginásio”. Quando aprovados, iniciava-se o Curso Ginásial, que se estendia por quatro anos. Nessa etapa estudava-se, além das disciplinas fundamentais, as línguas estrangeiras: Inglês, Fran-



cês, Espanhol e Latim. As avaliações eram mensais e o exame final, obrigatório, sendo este composto por prova escrita e prova oral. A prova oral era avaliada por uma banca de três professores e com ponto sorteado no momento de sua realização. Para quem reprovava em Português ou Matemática era destinada a repetência e, obtendo aprovação nestas, mas não conseguindo a nota mínima em até duas das outras disciplinas, era concedida uma nova oportunidade através de “exame de segunda época”, realizado após as férias escolares.

Concluído o ginásio, era feita a escolha: Curso Clássico – predomínio de disciplinas da área de humanas; Curso Científico – disciplinas de ciências exatas; ou Curso Normal, que formava professores para séries iniciais e também exigia para ingresso um exame vestibular. Havia, ainda, o Curso de Contabilidade, que formava os “contadores” ou “contabilistas”.

Além das disciplinas hoje ministradas, recebíamos aulas de Canto Orfeônico, com base musical; Técnicas Domésticas, com conhecimentos e práticas sobre organização da casa para as meninas; Técnicas Industriais, com trabalhos em madeira, com fios, pequenos consertos para os meninos; Puericultura, sobre cuidados com o bebê, etc.

Em todos os níveis o professor era muito respeitado, e, como a disciplina era bastante rígida, as reivindicações costumavam ser muito comedidas. Grande parte das salas de aula tinha classes emendadas, ou seja, onde se sentavam dois alunos. Os recursos mais usados eram o quadro-negro, o giz e o livro-texto, este utilizado em todo o território nacional, sem contemplar as peculiaridades regionais. A oratória do professor era muito valorizada. As atividades rotineiras eram as leituras, as dissertações e os questionários. A memorização do conteúdo era uma prática usual. O caderno de caligrafia, um parceiro de muitos anos. O caderno quadriculado era utilizado para as atividades de Matemática. Lia-se muitos livros, e os clássicos da literatura eram imprescindíveis.

Interessante registrar o uso da caneta-tinteiro, que, um pouco mais modernizada, possuía carga de tinta líquida, mas exigia um treino especial para manuseio. Fui apresentada por meu pai com uma Parker 21 no término do ginásio e com uma Parker 51 (pena de ouro) mais adiante, o que significava a obtenção de uma joia. Também eram significativos os anéis de formatura, cada ciclo ou curso com um design próprio. Lembro que o do Curso Ginásial tinha pedra azul e o do Curso Normal, pedra preta com uma estrela central. Nas laterais, a simbologia específica.

O civismo era muito vivenciado. As atitudes de respeito aos símbolos nacionais, bem como o canto dos Hinos Nacional, Rio-Grandense, da Independência e da Escola, o hasteamento e o arreamento de bandeiras, práticas rotineiras.



A higiene da sala de aula tinha um cuidado participativo, e a higiene pessoal era fiscalizada. Havia uma revisão, por parte do professor, do corte das unhas, da limpeza das orelhas, do pescoço e dos cabelos.

Por todos os anos em que transitei nesse espaço como professora, sempre algumas questões nortearam minha gestão:

O que valeu a pena?

O que não serviu?

O que ainda vale?

O que se perdeu e o que se ganhou com tantas mudanças?

Entre o VELHO e o NOVO, o que aproveitar e conservar?

O que nos fez melhores, mais felizes, mais humanos e capazes de preservar valores permanentes?

A análise fica por conta de cada um... Eu já fiz a minha.

Janeiro de 2014



Transcendência

Cheiros... sons... sabores...
como varas de condão
destroem espaço e tempo
ao compasso do coração.

Pão de forno, marmelada,
café passado no pano,
bolo frito, pão de ló,
maçã e batata assada,
bife na chapa, feijoada,
churrasco na labareda
e galinha enfarofada.

Café preto com farinha,
bolacha feita com graxa,
charque socado em pilão,
carapinhada, chivito,
pancho e arroz carreteiro
têm gosto do meu rincão.

Sabão em pó, sabonete,
roupa alvejando na panela,
talco e pasta de dente,
colônia de cheiro e canela,
cravo, jasmim e camélia,
é a mãe e o carinho dela.



Também o fino assobio,
o arrastar do chinelo,
o cochicho e o balbucio
de segredos sussurrados,
o barulho do minuano
e a chuva no telhado.

O compasso de um tango
passional e milongueado,
pisada forte com botas,
baforada de um cigarro,
nome da gente bem firme:
o pai, chegando cansado.

Os anos voltam num zás,
os momentos se repetem,
pessoas, lugares se achegam,
é só... se deixar levar...
e curtir o aconchego!

Outubro de 2012



Almas de minhas moradas

Morei em muitas casas. Meu pai era militar e várias vezes fora transferido de unidade. Já jovem e adulta, também incursionei por espaços diversos só e com minha família. De algumas carregou a energia, e isso não é coerente com o tempo de morada.

A casa onde nasci e morei até os sete anos é uma presença viva em minhas lembranças. Sou capaz de redesenhá-la não só na organização física, mas também nos detalhes, e a sensação que me causa é atual. Escuto sons, vozes, sinto cheiros e me aconchego nela sempre que o medo me surpreende. Volto à infância pela moradia, lá está muito da minha criança interna. Há poucos dias a fotografei, envelhecida mas com a mesma feitura original, e na imagem me vejo presente.

A casa onde meus pais moraram mais tarde, até sua morte, continua sendo outra “minha casa”. Volto lá e sinto a energia familiar circulando em todos os cômodos. Lá sou mais leve, menos sobrecarregada, com o cuidado e a proteção que vêm dos “mais velhos”. Lá deixo de ser a provedora, o cerne, a guia. Sou filha, sou irmã, sou dependente. Minha alma saltita na rua, na sala, no pátio, na cama e sobretudo na cozinha.

A minha casa atual, morada de quarenta e quatro anos, tem a história da família impregnada desde a soleira da porta de entrada até o muro no final do pátio. Nela se incrustou a energia da construção, da luta, da conquista, da renúncia, da simplicidade, da alegria, da vida e do amor. Energias negativas não se instalam aí; podem até passar, mas se vão ou se transformam.

Na sala de visitas firmam-se os encontros formais ancorados por mandalas e anjos. Baguá em cima da porta alta para proteção e sinos para atrair boas notícias. Fênix para decretar ali o renascimento.

Na sala de convivência concentra-se a energia mais pura, produto de canalização ou transmutação. É o lugar dos encontros, do compartilhar, do desabafar, do conversar, do dançar, do rir, do abraçar, do chorar, do discordar, do celebrar, do abençoar, do desnudar a alma individual e coletivamente. Muita música faz a catarse de momentos de ansiedade, medo, tristeza e desarmonia que por aí possam passar.

Meu quarto é o meu refúgio. Nele sou eu mesma e sinto-o como o útero materno. Não desempenho papéis, não tenho funções... Agasalho meus devaneios, desenganos,



mágoas, inseguranças, fragilidades, ganhos e perdas. Entrego-me a um divino que tem mais poder e dissolvo-me aos seus pés para depois repousar. Terceirizo o que não posso mudar e fortaleço a certeza de que não controlo nada. Abençoo esse cantinho, a mim, aos que amo e aos caminhos percorridos e desconhecidos com gratidão.

O quarto de passagem, dos que vêm e dos que vão, tem uma parede verde para preservar a saúde e o bem-estar e uma mandala com quartzo rosa para fortalecer a energia do amor e do acolhimento.

O escritório. Templo de recolhimento por um bom tempo. As dores curtidas aí se transformaram em rudes balaios de flores silvestres. Continua um refúgio para o pensamento, a reflexão e o estudo. Tem também o laço dos relacionamentos com os que passaram e os que estão por aí. Recanto de paz e silêncio.

Os banheiros são espaços terapêuticos. Pelos seus ralos e canos escorrem não só os resíduos materiais, mas também o *stress*, a raiva, o cansaço, a turbulência e tudo o que pesa e não serve mais. A gratidão pela água se faz presente, consciente ou não. Num banho de cura, o corpo e a alma unificam-se e dissolvem-se como riacho doce e perfumado. É o lugar da parada diária obrigatória, do relaxamento e da leveza.

O pátio... Ah! Espaço de os passarinhos cantarem, acasalarem, fazerem seus ninhos, criarem seus filhotes. É onde a natureza interage conosco e se preserva. Guarda o riso, o barulho, as traquinagens, as vozes, os passos, as brigas e os embalos de meus amados filhos. É o lugar que meus netos mais curtem. Possibilita subir na árvore, banhar-se com mangueira, andar de pernas de pau, balançar-se, jogar bola, fazer fogo de chão e guerra de bexiguinhas, atirar pedras no muro, correr, pular corda, apropriar-se de terra, relva, sol e chuva.

Velha ou nova? Grande ou pequena? Segura ou vulnerável? Simples ou requintada? Na medida certa para minha alma. Sua energia agasalha meus sonhos, projetos, celebrações; alivia meu cansaço e minhas dores. Porta aberta e franca para os que chegam com "bons fluidos". Bálsamo para os que necessitam de aconchego e descanso. Umbral fechado para os maus presságios, as maledicências e intrigas.

Círculo de luz ao seu redor!

Janeiro de 2014



Nomes para guardar... Fatos para lembrar...

Conheci há um bom tempo
uma tia **Celanira**,
famosa pelo refrão
que em bom tom repetia,
com o pé no estribo do trem
nunca ela sabia
se ficava ou se ia...

Outra tia elegante,
a “finesse” da família,
chamava-se **Gabriela**
e em São Gabriel vivia,
tinha um estoque de presentes,
quem ia à sua casa
de mãos vazias nunca saía...

O padrinho de minha mãe,
tio de nome **Segesmundo**,
era irmão da **Eutália**,
cunhado do **Octacílio**,
casado com a **Izolina**,
que era irmã da **Delfina**
e no “Rincão dos Menezes” residia.



Meu avô, o **Brasilino**,
 vestia traje gaúcho,
 cheirava as mãos por mania,
 tinha um irmão **Brasiliano**,
 um dos filhos era o **Laurindo**,
 pai do **Salvador Messias**,
 outro **Mário**, a **Idalina**
 e na campanha vivia.

Num alambique mui simples,
 tio **Teófilo** morava,
 casado com a **Melania**,
 vários filhos cuidavam,
 entre eles o **Valeman**,
 eram **Palmira** e **Valdomira**
 as meninas que os alegravam.

Um dos irmãos da minha avó
 chamava-se **Argemiro**,
 recatado e solitário,
 de alguns era o arrimo,
 cuidava do tio **Anísio**,
 da sua esposa, a **Alzira**,
 e contava do **Orozimbo**,
 do **Tatão** e da família.

O senhor **Nepomuceno**
 era amigo da família,
 trabalhava em trem de carga,
 notícias sempre trazia,
 chegava falando alto
 das bandas do Cacequi,
 alegrando a freguesia.



Minha vizinha de infância
era dona **Coscolina**,
viúva do seu **Taurino**,
boa conversa tecia,
era sogra da **Euchéria**,
parente da **Epaminas**,
o neto **Jamir**, sua companhia.

Madrinha do meu irmão
era a dona **Primitiva**,
pessoa meiga e bonita,
a minha madrinha **Iolanda**,
culto, íntegro, exigente,
tinha português perfeito,
era uma grande viajante.

Conheci em Iraí
um moço muito elegante,
tem por nome **Laercy**,
"doble-chapa" e inteligente,
assim como o **Valmoci**,
marido da minha sobrinha,
conquistaram a família e
são queridos "parentes".

Impossível não falar
sobre minha sogra **Clotilde**,
eterna ela será,
não só por laço de sangue,
pela firmeza e energia,
temperamento mui forte,
retidão e honestidade
o caráter incluía.



Subida em cima do salto,
dava palpite, falava,
com alguém ou bem solita,
tomando mate, dizia:

“Febre se vê na barriga
com a boca encostada.
Roupa úmida ou gelada,
no rosto será testada.
Elegância e capricho,
dente e sapato mostrava.”

Casada com **Nilo Pires**,
famoso por suas andanças,
tinha um cunhado **Telêmaco**,
sobrinho da **Ibraima**,
sua sogra era **Ambrosina**,
esposa do seu **Florindo**,
mais antigos na família.

Antes de encerrar
esta encomenda da Lê,
preciso contar da **Medora**,
comadre da minha vó,
que em poucos minutinhos
trouxa de roupa lavava
e ao sol e vento secava.

Na tina ou numa sanga
molhava todas as roupas
com a pontinha dos dedos
ou caniço as retirava,
na cerca dependurava,
nem a marca da farinha
da saia ela retirava.



Na mesma localidade,
duas moças elegantes
desceram de uma charrete
pra o comércio visitar,
puxando o vocabulário
com requinte e mui coquetes,
piolhos estavam a ocultar.

Pra não falar “pente fino”,
estilosas como tais,
pediram ao atendente um pente:
para “insetos cabeçais”...
Evitando falar “penico”,
solicitaram ao moçoilo
um vaso muito especial
para “estrondos noturnos”,
sabemos que pra algo mais...

Assim vou tecendo um cordão
de pessoas e fatos marcantes,
para contar aos mais novos
causos reais e interessantes.
São histórias relevantes que
ao passar de um pra outro
nunca ficarão distantes.

Janeiro de 2014





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

Dinair Fernandes Pires... Sentimentos e ideias se associam. Me faz bem lembrar da figura humana que és. Me sinto como se estivesse comigo mesmo, mas muito melhor. As boas ideias e os bons sentimentos não são gratuitos. A vida se tornou uma certeza: vale ser o que sou, pela pessoa vibrante que ainda me cerca, mesmo a distância. Fluem em mim, então, uma bênção e uma saudade.

A tua bondade chega a comover, ao me lembrar de como és com teus filhos e netos. Uma coruja feliz e cheia de razão. Os pássaros voam porque têm asas e tu, pela alma que te transporta.

Sei o quanto te dói o sofrimento, quando acontece sem pedir licença. Cuidou de meu amigo João Carlos em vida e quando morria. Sei que vais dizer: cuidei de meu amor! Trabalhaste com idosos no CREATI com uma ternura cheia de alegria. Trataste de teus parceiros com justiça, fazendo deles uma comunidade. E o que dizer de como amas teus amigos? Ficam pedras protetoras e muitas outras lembranças carinhosas. Escreves pelo prazer de escrever: cada palavra revela o encantamento pela vida. Tudo que tocas se transforma, à semelhança de teu ser. A vida, por vezes, me deixa perplexo e, por saber de ti, fico admirado do jeito que a vida te fez.

Agostinho Bodil



Dinair, no seu impulso espontâneo e irresistível, mergulha fundo nas suas emoções, seus sonhos, suas realizações...

Retira de seu vocabulário palavras vivas de seu cotidiano e registra várias etapas de sua vida com tanta sabedoria e encanto. Lança, com carinho e amor, mágoas e dores, traduzindo-as nos gestos de liberdade. Palmilha passo a passo a estrada do aprender e ensinar, e cada palavra envolve uma caminhada. O seu ser festeja a leveza de seus pensamentos, atendendo a todas as expectativas, facilitando a explosão de suas ideias.

Recorda com saudade tudo o que passou e viu, Natal quando criança, a alegria de seu pai, sua família, sua fé...

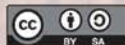
A leitura é fácil e emocionante e nos leva a um passeio com muitas paisagens: “recordar é viver”, causos antigos, moda, música, tudo em rima e prosa.

A vida é feita de momentos, cada momento tem seu jeito.

Leia e divirta-se com Textos no Varal.

Santina Rodrigues Dal Paz

@ dinairfp@gmail.com



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura